

Congresso Convergencia, Barcelona, 2023

## Novas formas de autismo?

Flávia Chiapetta de Azevedo

Em 1966, quando surgiu, na Inglaterra, o primeiro estudo epidemiológico sobre autismo, encontrou-se uma prevalência de 4-5 crianças autistas para cada dez mil. Atualmente, segundo estudos realizados pelo Centers of Diseases Control and Prevention/CDC (2022), a prevalência de autismo é de uma criança a cada trinta e seis. Vemos, de 1966 aos dias de hoje, um extraordinário aumento no diagnóstico de autismo. Alguns autores chegam a falar em epidemia!

No Brasil, as mudanças nas políticas públicas parecem contribuir para esse crescente número de diagnósticos de autismo. A Lei Antimanicomial, de 6 de abril de 2001, promoveu a Reforma Psiquiátrica, fechou manicômios e hospícios e engendrou outros modelos de atenção, mais adequados e inclusivos – como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), por exemplo – nas práticas de saúde.

Verificou-se, também, a passagem na especialidade médica quanto à atribuição do diagnóstico; passou da psiquiatria, área em que surgiu o autismo, para a neurologia. Este deslocamento parece ter sido motivado pela tendência verificada em nossos tempos de veicular o discurso capitalista, com isso verificamos também, no campo médico, a exclusão da subjetividade. Assim é que, na década de 1980, com a chegada de exames de imagem (ressonância magnética e outros), a neurologia ganhou terreno sobre o diagnóstico de autismo, criando-se uma tendência organicista. No Brasil, em 2013, isto levou o autismo a ser considerado “disfunção **cerebral orgânica**”!

Por fim, por que não atribuir ao mercado farmacológico o interesse econômico sobre o número crescente de diagnóstico de autismo capaz de aumentar o consumo de remédios?

O fato é que, no rastro dessas mudanças, testemunhamos hoje em nossas clínicas novas formas de apresentação de autismo: em que a inteligência se mostra particularmente desenvolvida e a inserção social se destaca. A questão que se coloca é a de saber se tais “avanços” apresentados nessas novas formas de autismo implicam também alguma mudança estrutural.

Um fragmento clínico nos guiará na reflexão que desejo apresentar: um adolescente, inteligente, apto a acompanhar bem o conteúdo pedagógico do colégio, com ótimas notas, apresenta, no entanto, um comportamento “bizarro” que chama a atenção daqueles que o cercam. Trata-se de um comportamento que geralmente ocorre em público – na sala de aula, no recreio... De repente, ele começa a imitar John Travolta, tal como no filme *Grease: nos tempos da brilhantina*.

Esta ocorrência me remeteu a dois momentos na obra de Lacan. O primeiro, o *Seminário, Livro 3, As psicoses (1955-56/1985)*, quando trabalha o caso em que o sujeito tenta restituir a ausência do Nome-do-Pai por uma compensação imaginária e parte para conquistar a tipificação da atitude viril que lhe falta – em função da ausência do Édipo – por intermédio da “imitação, de um atrelamento, na esteira de um de seus companheiros. Como este, e nas suas passadas, ele se entrega às primeiras manobras sexuais da puberdade” (Lacan, 1955-56/1985, p. 220). O amigo funciona como “elemento piloto” (idem) que vai orientando o rapaz na tentativa de estruturação no momento da puberdade. De tal forma que ele chega a se interessar pela mesma menina de seu companheiro. Por sorte ou azar, a menina corresponde e ele fica sem a referência do amigo para se guiar. Neste cenário, irrompe a psicose.

Em outro ponto de sua obra, no texto “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”, Lacan (1965/2003) nos faz ver um tipo de identificação na qual o outro é afirmado de maneira potente. O romance de Duras narra a cena de um baile em que a personagem Lol V. Stein fica arrebatada pela imagem de outra mulher, a ponto de não demonstrar reação nem sofrimento quando seu noivo convida esta outra mulher para dançar. Lol permanece no mesmo lugar, petrificada, assistindo seu noivo dançar com a mulher até o final do baile. Quando o recente casal sai do baile e desaparece, Lol cai, desvanecida. O que deduzimos daí é que Lol não consegue se separar da imagem do outro. E, curiosamente, o termo ‘arrebatamento’ tem suas raízes no campo místico e aponta para um estado de êxtase, no qual a alma se sente capturada por uma força superior. Lol fica arrebatada pela imagem da mulher, a tal ponto que quando esta desaparece, ela cai por terra. A saída de cena do casal marcará Lol de modo indelével. A mulher (Anne-Marie Stretter), que tomou seu lugar junto ao noivo, levou também com ela sua imagem, deixando Lol V. Stein desnuda.

Como sabemos, o eu se constitui a partir do outro, numa relação onde se entremeiam semelhanças e alteridades. O eu é, ao mesmo tempo, o outro, mas também não é. Nas psicoses, os fenômenos do “entre-eu” constituem um ponto central, pois na ausência de uma “palavra separadora” o “outro sou eu”.

Retornando ao caso clínico mencionado antes, me pergunto o que leva um sujeito a “imitar” John Travolta nos tempos da brilhantina? O filme, um musical, retrata os conflitos e impasses de um jovem casal (representados por John Travolta e Olivia Newton-John) no final dos anos 1950. O personagem de John Travolta, em especial, é líder de uma gangue, lidera tanto no grupo dos homens como no das mulheres; é admirado e desejado. A meu ver, essa imagem proeminente, do personagem de John Travolta, funciona como uma compensação imaginária, no momento em que os enigmas da sexualidade se fazem presentes no convívio social.

É necessário precisar que essa imagem não parece dar acesso ao especular propriamente dito; o que vemos é uma indiferença entre o eu e o outro. O sujeito é capturado pela imagem do outro, sem mediação simbólica.

No fragmento clínico que trouxemos, a estrutura que parece se revelar é a do autismo, que sem se apresentar como um caso clássico – com estereotípias, ecolalia, isolamento, etc. – evoca-o por seus elementos estruturais.

## Referências

LACAN, J. (1955-56/1985) *O Seminário, livro 5, As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (1965/2003) “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”, in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.